

## Capítulo 1

### O jardim no inverno

— Era uma vez um rapaz e uma árvore... Ele passou a vida inteira a desenhá-la — disse a Daniela.

O Hugo levantou os olhos do bloco e sorriu.

— Quando encontramos uma coisa perfeita, devemos fazer tudo para não a perder. Alguém dizia isso no filme que vimos a noite passada.

— E a mãe acrescentou que pode ser uma pessoa, um animal, um quadro, a fachada de uma igreja...

— Uma árvore...

A Daniela acariciou as orelhas do cachorro que estava deitado na relva, encostado às suas pernas.

— Talvez seja verdade, não achas, *Lucky*?

O cachorro deu-lhe uma lambedela na mão. Era preto e branco, de raça indefinida e ainda muito novinho. A mãe trouxera-o do canil municipal algumas semanas antes. A princípio estava triste e assustado, mas aos poucos compreendera que tinha uma casa. Um lugar seguro e quente.

Era o final de um dia de fevereiro. Estava a escurecer e a Daniela pensou que o Hugo não tinha muita visibilidade para trabalhar. Ele sentara-se na relva, junto a uma pequena magnólia. Começara a desenhá-la duas semanas antes, ao surgirem os primeiros botões. Estava quase a chegar ao fim do bloco. Todos os dias, quando voltavam da escola, iam a casa buscar o *Lucky* e deixar as mochilas e corriam para o jardim. Com alguma ansiedade, estudavam a arvorezinha e a sua transformação desde a véspera. Agora havia flores abertas e muitos botões novos nos ramos sem folhas.

Àquela hora, ainda se viam inúmeras pessoas no jardim, sentadas nos bancos ou a passear. Algumas crianças e cães brincavam no relvado. Era um lugar agradável, com as velhas árvores, um poço de pedra, uma esplanada. Havia muitas plantas em flor, mas nenhuma os enternecia tanto como a magnólia com os seus ramos cinzentos e as suas flores brancas, muito pesadas para uma árvore tão pequena.

— Terás de afastar-te da magnólia quando formos para o Paul da Serra.

O Hugo ergueu os olhos de novo e pareceu pensativo.

— Eu sei. Mas creio que vai valer a pena.

No dia anterior, a mãe perguntara-lhes se queriam passar o Carnaval numa pousada do Paul da Serra. Estivera lá com o pai há muitos anos, antes de eles nascerem.

— A mãe quer voltar lá uma última vez — disse a Dani.

— Suponho que também quer que a conheçamos.

A Dani ficou pensativa.

— Achas que a vão deitar abaixo?

— Talvez não. Mas vão aumentar o número de quartos e modernizá-la. E o pior é que também vão abrir uma estrada até lá.

— Porquê?

O Hugo encolheu os ombros.

— Eles querem atrair os turistas que não estão dispostos a andar a pé dez ou quinze minutos para lá chegar.

— Quem são eles?

— O casal que vai comprar a pousada. Têm muito dinheiro e pretendem ganhar muito mais.

Com os lábios crispados, o Hugo continuou a desenhar. Estava tão escuro que a Dani sorriu para si mesma.

«Ele já deve conhecer a magnólia tão bem que quase não precisa de vê-la.»

O cachorro ergueu as orelhas e olhou fixamente para as árvores mais próximas.

— Vem alguém aí, *Lucky*?

Uma mulher alta e queimada pelo sol aproximou-se deles. Trazia na mão um ramo de flores amarelas e folhas verdes. A Dani e o Hugo conheciam-na bem. Era uma das jardineiras. Quando a mãe os acompanhava ao jardim, conversavam longamente sobre o melhor momento de deitar as sementes na terra, de podar as roseiras e a madressilva...

A mulher cumprimentou-os com um leve sorriso e estendeu as flores à Dani.

— Podes levá-las à tua mãe? Diz-lhe que só apanhei cinco, porque ainda há muito poucas.

A Dani levantou-se e aceitou as flores.

— Cheiram tão bem!

A mulher voltou-se e foi embora, quase não lhe dando tempo a agradecer. O Hugo sorriu perante a expressão da Dani.

— Ela hoje não tem vontade de falar.

— Não.

— Na verdade, nunca fala muito

— Mas ela fala com as plantas — disse a Dani baixinho.  
— Já a surpreendi muitas vezes.

O Hugo olhou em volta, como se só agora se apercebesse de que estava escuro. Fechou o bloco e guardou os lápis de carvão na caixa.

— É melhor voltarmos para casa. Tens de pôr as flores em água.

A Dani riu.

— E tu já não vês o que estás a desenhar. Vamos, *Lucky*.

Saíram do jardim por uma das portas laterais e atravessaram a rua. Do outro lado havia um beco estreito que seguiram durante alguns metros. O *Lucky* soltou um latido de alegria.

— Ele gosta sempre de voltar a casa.

Era uma casa pequena, pintada de branco, com as persianas verdes e um quintal calcetado de pedrinhas. Nos canteiros cresciam azáleas, gerânios, roseiras e madressilvas que escondiam o muro.

O Hugo abriu a porta e fechou-a depois de os outros passarem. O vento fazia tocar suavemente o móbil com borboletas de ónix que a mãe dependurara na entrada.

— A luz do vestíbulo está acesa — observou a Dani.

— A mãe já chegou.

— Acho que já sinto o cheiro do jantar.

— Eu também. Guisado, não achas?

— Guisado de galinha com ervilhas.

O *Lucky* também sentiu o cheiro. Deram a volta à casa e o cachorro entrou antes dos pequenos na cozinha iluminada. Esta dava para o quintal das traseiras onde secava alguma roupa.

— Oh, mãe, não sabíamos que vinha mais cedo!

A mãe estava junto ao fogão. Voltou-se para eles, com um sorriso no rosto moreno e bonito. Ainda não mudara de roupa, limitara-se a substituir os sapatos por umas pantufas e prender o cabelo descuidadamente com um gancho.

— São para mim essas flores?

— Os primeiros narcisos do ano.

A mãe encheu uma jarra de vidro com água e dispôs os narcisos e as hastes verdes cuidadosamente.

— Há qualquer coisa nas primeiras flores que me comove...

O Hugo sorriu.

— A mãe diz sempre isso.

Ela fez-lhe uma careta.

— E tu, continuas a desenhar a mesma árvore?

O Hugo devolveu-lhe a careta.

— Não é a mesma árvore.

Ela ficou séria de repente.

— Não, suponho que não. Para os que sabem ver...

O Hugo também ficou sério.

— Foi a mãe que me ensinou a ver. Tal como me ensinou a andar e a dizer as primeiras palavras.